

APROPRIAÇÃO DO CERRADO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: Contribuições didáticas para a mediação do conhecimento

APPROPRIATION OF THE CERRADO IN GEOGRAPHY TEACHING: Didactic contributions for knowledge mediation

Vanilton Camilo de Souza¹
Dayane Galdino Brito²
Katielly Santana Lúcio da Costa³
Matheus Henrique de Assis Reis⁴
Silvana Alves Silva⁵

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: vanilton@ufg.br

² Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: dayanegbrito36@gmail.com

³ Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: katiellysantana@discente.ufg.br

⁴ Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: reisassis@discente.ufg.br

⁵ Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: silvana.silvana@discente.ufg.br

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta de percurso didático voltada à mediação no ensino de Geografia na Educação Básica, tendo como ponto de partida a situação geográfica da apropriação do Cerrado. Para isso, realizou-se uma revisão teórica fundamentada nos conceitos de situação geográfica, região, paisagem, território e ambiente. Paralelamente, foram elaborados um sistema conceitual e um percurso didático alinhados à perspectiva teórica histórico-cultural. Acredita-se que a leitura geográfica do Cerrado, com foco nos processos de apropriação e transformações espaciais, constitui uma abordagem significativa para o ensino de Geografia, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos estudantes. Sob essa ótica, busca-se integrar o estudo do Cerrado à formação cidadã, promovendo relações de pertencimento e ações conscientes nas práticas espaciais dos alunos. Dessa forma, o trabalho destaca a relevância de abordar o processo de apropriação do Cerrado no ensino de Geografia como uma contribuição essencial à Educação Básica.

Palavras-chave: Percurso Didático. Situação geográfica. Teoria histórico-cultural.

ABSTRACT: This article presents a proposal for a didactic path focused on mediation in the teaching of Geography in Basic Education, taking as a starting point the geographical situation of the appropriation of the Cerrado. To this end, a theoretical review was carried out based on the concepts of geographical situation, region, landscape, territory and environment. At the same time, a conceptual system and a didactic path were developed aligned with the historical-cultural theoretical perspective. It is believed that the geographical reading of the Cerrado, focusing on the processes of appropriation and spatial transformations, constitutes a significant approach to the teaching of Geography, contributing to the development of students' geographical thinking. From this perspective, the aim is to integrate the study of the Cerrado with citizenship education, promoting relationships of belonging and conscious actions in students' spatial practices. Thus, the work highlights the relevance of addressing the process of appropriation of the Cerrado in the teaching of Geography as an essential contribution to Basic Education.

Keywords: Didactic Path. Geographic situation. Historical-cultural theory.

Sumário: Introdução – 1 Apropriação e transformação de áreas do Cerrado – 2 A Apropriação do Cerrado no ensino de Geografia – Considerações – Referências.

INTRODUÇÃO

O Cerrado, o segundo maior bioma brasileiro, localiza-se predominantemente na porção central do país. Originalmente, sua área abrangia cerca de dois milhões de quilômetros quadrados, incluindo os estados de Goiás,

Tocantins e o Distrito Federal, além de se estender por partes da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí e São Paulo. Ainda hoje, existem fragmentos de Cerrado dispersos dentro de outros biomas do território brasileiro.

Historicamente, o Cerrado foi habitado por comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, que desenvolveram formas sustentáveis de interação com o ambiente. No entanto, com a colonização, atividades econômicas como a mineração e a pecuária extensiva passaram a predominar, marcando as primeiras transformações significativas no bioma (Alves, 2014).

Nas últimas décadas, o Cerrado enfrentou um processo acelerado de degradação ambiental, impulsionado por políticas desenvolvimentistas baseadas na ciência e na técnica, que o integraram à lógica do capital, especialmente por meio da produção de *commodities* agrícolas (Almeida, 2005). Esse modelo de exploração resultou em mudanças drásticas na sua superfície, comprometendo não apenas sua biodiversidade, mas também, o modo de vida de suas comunidades tradicionais e o equilíbrio ambiental da região. Nesse contexto, faz-se necessário analisar o processo de Apropriação do Cerrado a partir da Geografia, considerando como base teórica a situação geográfica. É neste contexto que Silveira (1999) explica que

[...] a ideia de situação que propomos discutir aqui é vinculada a noção de evento. Segundo M. Santos (1996; 155), o evento é um veículo de um ou algumas das possibilidades existentes no mundo, na formação socioespacial, na região, que se depositam, isto é, se geografizam no lugar. Por isso, uma situação geográfica supõe uma localização material e relacional (sítio e situação), mas vai além porque nos conduz à incluir o momento da sua construção e seu movimento histórico (Silveira, 1999, p. 22).

Logo, com base na citação, pensar a Apropriação do Cerrado demanda compreender as forças e os sucessivos eventos que promoveram a apropriação e transformação desse contexto regional articulada à lógica global. Para tanto, faz-se pertinente um resgate histórico considerando os objetos técnicos, as ações, as normas, os agentes, as escalas, as ideologias, os discursos e as imagens, que foram responsáveis pela incorporação das regiões do Cerrado a uma nova divisão territorial do trabalho (Silveira, 1999).

Para refletir a Apropriação do Cerrado, enquanto uma situação geográfica, pode-se partir da definição da palavra apropriação: “Ação ou efeito apropriar, de tomar algo para si, de se apossar de algo, legal ou ilegalmente; apoderamento, empossamento [...] Acomodação ou adaptação a um determinado objetivo” (Dicio.com, 2025). Dessa forma, tem-se como questionamentos: (I) Por que ocorreu um intenso processo de apropriação de áreas do Cerrado? Quem são os agentes promotores? (II) Quais foram as transformações espaciais em função do processo de expansão do capital? (III) Como as comunidades tradicionais são impactadas?

As questões anteriores demandam os chamados conceitos operacionais do espaço geográfico, sobretudo, os conceitos de ambiente, território, região e paisagem (Suertegaray, 2001). Mas, também, as operações e os princípios que operam os conceitos e as representações na análise geográfica (Cavalcanti, 2019).

Desse modo, entende-se que a análise geográfica do Cerrado, ao dimensionar os processos de apropriação e as transformações espaciais consiste em uma abordagem relevante ao ensino de Geografia, que visa auxiliar os discentes no desenvolvimento da capacidade de análise espacial dos fenômenos, pois,

[...] a Geografia tem singular e importante utilidade, porque ela serve para pensar. E pensar não é pouca coisa, porque, ao se estudar Geografia, os conhecimentos produzidos por essa ciência, desenvolve-se um modo peculiar de pensamento. Pensar está diretamente ligado aos modos de ser de quem pensa e, por sua vez, aos modos de atuar do sujeito que se orienta por seu pensamento. Assim, ressalta-se o pensar, mas em sua necessária inter-relação entre pensar, ser e atuar, o que atribui relevância social ao estudo da Geografia (Cavalcanti, 2019, p.11).

Dessa forma, ao ensinar sobre Cerrado é importante pensar em como fazê-lo para contribuir para a formação cidadã dos estudantes, para que estabeleçam relações de pertencimento e ação em suas práticas espaciais balizadas por pensar o Cerrado, sobretudo, quando perfaz seu lugar de vivência. Com isso, é possível um ensino fundamentado nos aspectos teórico-metodológicos da Geografia, demarcando seu papel na escola como um conhecimento poderoso (Young, 2011).

Assim, este artigo se propõe a produzir um percurso didático para mediação nas aulas de Geografia na Educação Básica a partir da situação

geográfica Apropriação do Cerrado. Logo, constitui um exercício para explorar essa temática considerando o desafio de desenvolver o pensar geográfico dos estudantes. Não é intensão apresentar o desenvolvimento e a aplicação do percurso didático, mas sim, apresentar uma proposta alternativa que poderá ser explorada e adaptada aos diferentes contextos educacionais da escola básica.

1 APROPRIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE ÁREAS DO CERRADO

Compreender como se deu a Apropriação do Cerrado requer primeiro recorrer ao conceito de Natureza. O conceito de Natureza é polissêmico, conforme as sociedades-culturas, e embasa as atitudes dos homens em sociedade face à natureza, concebida, por exemplo, como selvagem, pura, recurso, domesticada, empecilho. A natureza não se restringe às bases naturalistas (fauna, flora e rios), pois não está alheia aos lugares e as relações, práticas e significações das sociedades que nela habitam, diferenciando-se no tempo e espaço (Almeida, 2005; Suertegaray, 2016).

Na sociedade ocidental, a modernidade atribui à natureza um valor econômico e utilitário (Almeida, 2005), o que resultou em sua inserção na lógica de produção capitalista. No caso do Cerrado, esse bioma foi objetivado pelas políticas de desenvolvimento como algo mercadológico pela rusticidade e pobreza, caracterizado por uma invisibilidade ambiental que negligencia seus povos, sua fauna e suas diversas fitofisionomias. Essa perspectiva, também, o concebe como uma terra a ser domesticada e integrada como recurso produtivo (Alves, 2014). Tal objetivação facilitou a modernização territorial, gerando profundas transformações espaciais e desencadeando diversos conflitos socioambientais.

As políticas e planos de desenvolvimento orientados pelo Estado, especialmente a partir da década de 1970, segundo o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE, 1986), transformaram as modalidades de exploração agrícola no Cerrado, resultando na formação de uma nova região produtiva. Influenciadas pela Revolução Verde, essas políticas promoveram a expansão da produção agropecuária e a conquista de novas fronteiras agrícolas, ocasionando alterações significativas na paisagem do bioma.

O grau de modificação das paisagens do Cerrado é alarmante, uma vez que as formas de exploração predominantes têm convertido extensas áreas em

pastagens e lavouras, tornando essas fisionomias dominantes (Oliveira, 2014). Consequentemente, os principais tipos de vegetação nativa (formações savânicas, campestres e florestais) foram drasticamente reduzidos, gerando grande preocupação com a preservação da cobertura vegetal do bioma.

Nesse contexto de intensificação das atividades agrícolas, os impactos ambientais, tornam-se evidentes. Entre eles, destacam-se o uso excessivo de insumos químicos, a perda de biodiversidade, a degradação e a erosão do solo, o desmatamento, as queimadas, o assoreamento de rios, a contaminação dos cursos d'água, a perda da qualidade da água, as alterações no regime hídrico e a destruição de *habitats* de inúmeras espécies animais e vegetais (Almeida, 2005; IBASE, 1986; Oliveira, 2014).

Essas questões evidenciam a necessidade urgente de refletir sobre os limites do modelo de desenvolvimento implementado no Cerrado e seus impactos ambientais e sociais. Pensar essas formas de apropriação e transformação de áreas do Cerrado, considerando Castilho; Chaveiro (2010), requer considerar como agente primordial, o Estado. Neste sentido, os autores afirmam que

No período contemporâneo, é ele quem vai construir as possibilidades para a reprodução do capital. Por meio de projetos, políticas públicas, etc., institui-se no Cerrado uma lógica hegemônica implantada pelos atores que defendem a modernização. Grandes áreas do Cerrado passaram a ser urbanas; sinônimo de alta produção; lugar da ação de mercadorias; da reprodução e da circulação de capital. E isso só foi possível a partir da constituição dos meios de produção. Podemos citar a infraestrutura, as ferrovias, as rodovias, a urbanização dos ambientes possibilitadas pela inserção do que Santos (1996) chama de meio técnico-científico-informacional (Castilho; Chaveiro, 2010, p. 45).

Assim, a modernização do Cerrado não foi espontânea, pois o Estado exerceu um papel importante no crescimento da economia, por meio das estratégias articuladas às empresas nacionais e agentes internacionais, ofertando financiamentos, projetos de colonização, distribuição de terras, abertura de mercados, construção de redes técnicas (rodovias, energia) e incentivos fiscais. Tudo isso calcado em um processo de concentração de mercado, tecnologia e

inovação com foco na produção agrícola, principalmente, de *commodities*, como a soja (IBASE, 1986).

Isso promoveu mudanças no campo, como a mudanças nas relações de trabalho, diminuição da segurança alimentar, aumento da concentração de terras, marginalização de pequenos produtores e migrações rural-urbana. Nesse último aspecto, entende-se que “a população local esteve à margem da transformação do processo produtivo. A maioria foi vendendo suas terras e se instalando na periferia das cidades” (IBASE, 1986, p. 5). Assim, as cidades da região passaram por processos de crescimento e ampliação da rede urbana seguindo as transformações econômicas.

Para além desses agentes (Estado e corporações), faz-se necessário olhar para o Cerrado com a sensibilidade de perceber que esse ambiente é povoado por diversos outros, que ao longo de todo o processo histórico desempenharam diferentes papéis. Isso permite reconhecer que ao falar desses agentes significa concebê-los como sujeitos. Essa postura de análise crítica reconhece que esses sujeitos estão inseridos em uma face de exclusão, nesse processo que se chama de modernização no Cerrado.

Logo, o conceito de território permite dar visibilidade aos sujeitos excluídos nos processos de Apropriação do Cerrado. Nesse sentido, é prudente propor análise territorial do Cerrado, considerando-o como produto histórico, apropriado e disputado por agentes sociais que o fazem a partir de seu poder econômico, cultural, político, de informação, de capacidade estratégica e de resistência (Castilho; Chaveiro, 2010).

Ao afirmar que determinados grupos sociais detêm poderes desiguais de força de atuação, inclusive por seu potencial de atingir diferentes escalas, inclui reconhecer, também, que a maneira diferenciada de conceber a natureza e, conseqüentemente, o Cerrado, envolve as concepções existentes a respeito dele e de como seu uso e ocupação devem ocorrer para suprir suas necessidades e interesses.

É interessante considerar primordial que a precarização da vida dos povos e comunidades tradicionais, diante da atuação de determinados grupos que inclinam suas ações políticas e mercadológicas para a natureza (Almeida, 2005). Ao citar essas determinadas ações é importante considerar como se dá a

configuração delas diante de um território que é povoado por outros sujeitos que concebem o Cerrado com outro significado. Alinhado a essa análise Almeida (2005) explica que

Todo esse universo, pela sua dinâmica histórica e política, revela-nos o território, resultado da valorização e da apropriação do estado pelos seus grupos sociais. Esse território é visto como local de vivência e de confrontação das manifestações das chamadas populações tradicionais do Cerrado na recomposição contínua de seus espaços de interações, segundo suas necessidades e desejos e das formas objetivadas e programadas e de uso e gestão do Cerrado. É evidente, porém, a precarização das condições sociais impostas por aqueles que detém o capital e o poder, ameaçando constantemente, as áreas do Cerrado e fragilizando os elos territoriais de identidade desses grupos sociais (Almeida, 2005, p. 338).

Ao defender que as apropriações do Cerrado pelo capital configuram precariedade na vida dos povos e comunidades tradicionais, ressalta-se a importância do esforço para entender a função que o território desempenha aos grupos sociais. Se em um primeiro momento ele responde sobre as necessidades econômicas, sociais e políticas, em uma segunda instância ele é, também, objeto de operações simbólicas e é nele que os sujeitos projetam suas concepções de mundo e de natureza, componentes de uma cultura ecológica (Almeida, 2005).

Entendendo que um dos princípios do presente trabalho é apresentar a proposta de um percurso de mediação didática, argumenta-se que um dos elementos do qual não se abre mão é considerar quem são esses sujeitos excluídos e quais são as consequências experienciadas por eles. Dedicar-se as seguintes linhas na apresentação desta proposta.

2 A APROPRIAÇÃO DO CERRADO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A partir dos elementos enunciados, torna-se necessário estabelecer uma abordagem da Apropriação do Cerrado no ensino de Geografia, cogitando limites e possibilidades do tema. Ao analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), constata-se que a temática Cerrado está inserida no trabalho dos componentes físico-naturais relevo, clima e solo, sem a devida interação entre eles, nem diálogo com a dinâmica social (Jesus, 2016).

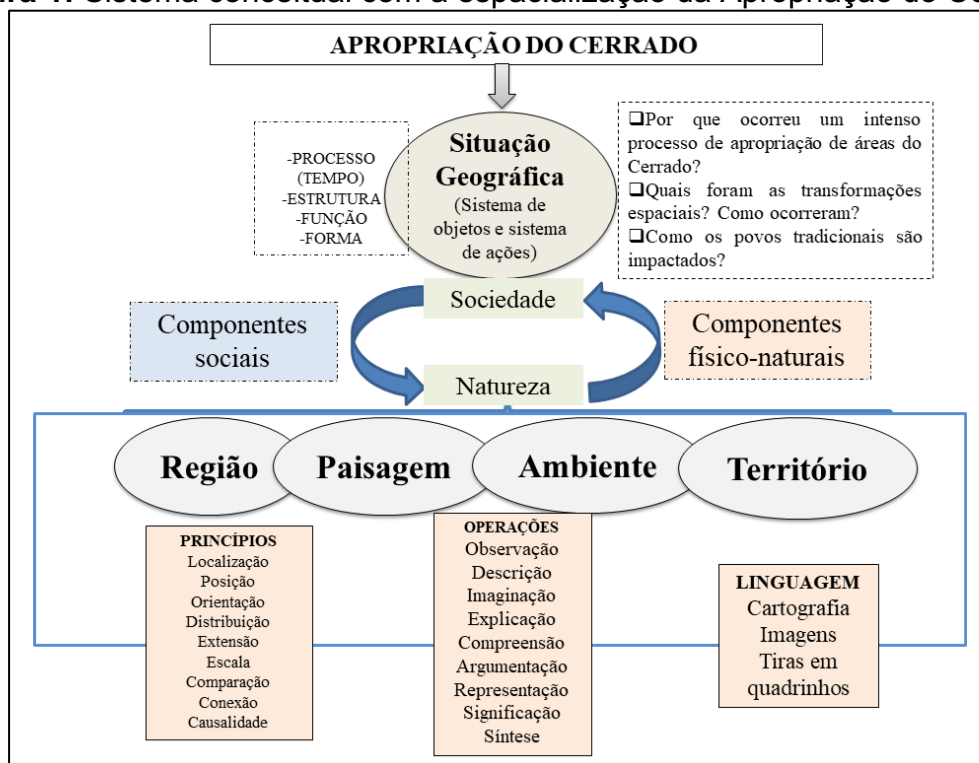
Perspectivas semelhantes são evidenciadas ao identificar carências nas abordagens sobre o Cerrado nos livros didáticos, ora explorado como bioma, ora domínio morfoclimático, representando poucas fitofisionomias, atrelado à ideia de Celeiro do Brasil, com superficialidade nos impactos ambientais e na importância das bacias hidrográficas, além de uma interpretação com a ausência de comunidades tradicionais e conflitos territoriais (Mendes; Oliveira, Moraes, 2016).

Dessa forma, questiona-se se o ensino do Cerrado nas aulas de Geografia tem contribuído com o seu papel formativo que é desenvolver um modo de pensar geográfico, que consiste na capacidade de analisar os fenômenos do ponto de vista de sua espacialidade, tendo o ensino norteador por questões: Onde? Por que aí? Como? (Cavalcanti, 2019).

A par disso, como encaminhar a temática Apropriação do Cerrado no ensino de Geografia, com o intuito de possibilitar a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de sua atuação na sociedade? Sob esse olhar, é possível defender o trabalho com a formação de conceitos a partir de sistemas conceituais, considerando que os “sistemas conceituais não apresentam organização hierárquica, bem como não classificam; sua finalidade é articular conceitos, evidenciando inter-relações entre eles” (Moraes, 2021, p. 82). Com isso, o trabalho a partir da relação entre os conceitos em sistema conceitual pode favorecer a efetivação da aprendizagem, a internalização do conhecimento e o desenvolvimento do pensamento geográfico.

Dessa forma, elaborou-se uma proposta de sistema conceitual (Figura 1), que visa a espacialização da assimilação do Cerrado. O sistema conceitual parte do tema Apropriação do Cerrado como uma situação geográfica, em que são elaboradas questões visando uma análise da espacialidade desse fenômeno. Para resolução das questões geográficas levantadas, que envolvem a articulação entre a natureza e a sociedade, mobiliza-se as categorias miltonianas (forma, função, estrutura, processo), bem como os conceitos de região, território, paisagem e ambiente, sendo operados pelos raciocínios geográficos (princípios e operações) a partir das linguagens escolhidas. O esse sistema conceitual foi construído com base na proposta de Cavalcanti (2019).

Figura 1: Sistema conceitual com a espacialização da Apropriação do Cerrado



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Esse sistema conceitual embasou a elaboração da construção do percurso didático para mediação do tema Apropriação do Cerrado estruturado no caminho metodológico. Problematicar-Sistematizar-Sintetizar, no processo de ensino e aprendizagem baseado na perspectiva histórico-cultural, tem potencialidade a construção de conhecimento pelos estudantes do Ensino Médio, enquanto sujeitos autônomos, críticos e conscientes (Cavalcanti, 2019).

O caminho metodológico proposto por Cavalcanti (2019) favorece a realização de uma abordagem que sustente os compromissos assumidos de construir uma educação emancipatória e conectada com uma leitura crítica sobre o Cerrado enquanto um ambiente ocupado e explorado por diversos agentes no ensino de Geografia.

O passo inicial nesse trajeto metodológico é a problematização. Acredita-se que ao levantar questionamentos, impulsiona-se um salto na abordagem do conteúdo, dentre eles pode levantar-se como exemplo, questões relacionadas às comunidades tradicionais. Esse impulso proporciona trazer à tona perguntas que motivem e façam os estudantes buscarem sentidos sobre o que será estudado. Pretende-se, nesta etapa, motivar os estudantes a trazer questionamentos sobre o

conteúdo a fim de despertar e fomentar o desejo pela pesquisa e pela construção de conhecimentos. Isso significa a criação de uma atmosfera que inspira a curiosidade dos educandos e os motive para a pesquisa a fim de que transformações sejam possíveis no campo dos conhecimentos construídos.

Um segundo passo metodológico trata de uma maior imersão, após o impulso para o salto, um aprofundamento, a sistematização. Nessa etapa se recomenda que a pesquisa busque respostas norteando o trabalho. Apresentar informações, levantar situações para a aprendizagem, possibilitar momentos de diálogo e discussão sobre os assuntos pertinentes ao conteúdo.

Nessa etapa de descobertas a serem vislumbradas e construídas, é importante estar atento à qualidade e confiabilidade dos dados e informações apresentadas. É importante ainda identificar formas de trazer à cena discussões pertinentes ao desenvolvimento crítico dos estudantes. Nesse segundo momento é apropriado que se tenha em mente a problematização realizada na etapa anterior, porque é preciso orientar a discussão dos conteúdos na busca de responder aos questionamentos e levantar elementos da problemática levantada (Cavalcanti, 2019).

Em um terceiro momento, a etapa de estruturar uma síntese, busca-se criar algumas conclusões, isso não quer dizer que eles estejam prontos e acabados, mas sim que caminham para uma determinada direção após a imersão realizada. Nessa etapa, será explorado, também, a aplicabilidade do que foi estudado e aprendido. É nessa etapa que se torna possível a avaliação da aprendizagem, considerando corajosamente as diversas formas de se avaliar. Essas formas não serão discutidas nesse texto, mas, será exposta em concordância com Cavalcanti (2019) sobre a avaliação no cotidiano da sala de aula, como um elemento que compõe o planejamento e sua execução. O Quadro 1 sintetiza a elaboração do percurso didático para mediação da temática Apropriação do Cerrado

Quadro 1 - Percurso de Mediação Didática sobre o tema Apropriação do Cerrado

A) Problematização:

-Inicialmente, em uma aula expositiva e dialogada, buscar-se-á questionar os estudantes sobre seus conhecimentos prévios em relação ao Cerrado na experiência vivida, problematizando com fotografias a cristalizada noção de “Celeiro Nacional” e de bioma pobre, rústico, sem diversidade e sem pessoas. Posteriormente, será apresentada a

definição de 'apropriação' no dicionário, assim como um mapa para localização e distribuição do bioma no território brasileiro, a fim de que formulem ideias iniciais sobre o que seria Apropriação do Cerrado. Além disso, será analisado um infográfico do MapBiomas, com dados cartográficos e gráficos, com informações sobre a vegetação original e o uso e ocupação, considerando o avanço da agropecuária ao longo do tempo, de forma a conduzir o estudante ao questionamento do que estaria por trás dessa apropriação e conversão das paisagens do Cerrado. Dessa forma, pode-se formular como questões problematizadoras: por que ocorreu um intenso processo de apropriação de áreas do Cerrado? Quem são os agentes promotores? Quais as transformações espaciais no Cerrado em função do processo de expansão do capital? Como ocorreram? Como as comunidades tradicionais são impactadas pelo processo de expansão do capital de áreas do Cerrado?

B) Sistematização (5 tempos de aulas e uma saída a campo):

-Na sequência da aula expositiva e dialogada, será discutida a concepção de natureza a partir de diferentes perspectivas, destacando a da ótica capitalista, que, por sua vez, enseja as políticas de desenvolvimento responsáveis pela incorporação da região em que se distribui o Cerrado, na porção do Brasil central, explorando o princípio da causalidade com a análise de tirinhas da coleção 'Cerrado em Quadrinhos'. Com o conceito de região na perspectiva dialética será explorada a ocupação do Cerrado mediante um percurso histórico das políticas de desenvolvimento, considerando a atuação do estado e corporações internacionais, segundo a lógica do Celeiro Nacional (com o avanço da fronteira agrícola com a Revolução Verde) e internacional. Com o uso de tabelas e imagens serão exploradas as transformações espaciais na forma e função, impulsionadas pelas reestruturações do sistema econômico e os processos decorrentes. Sendo discutida o crescimento das cidades e a população, a expansão das redes e infraestruturas, o aumento da produção econômica (pecuária, agronegócio e energia), mudanças nas relações de trabalho e mudanças na estrutura fundiária. Mobilizando, assim, os princípios de localização, posição, distribuição, conexão, escala e causalidade, e as operações de observação e descrição, a partir da análise de tirinhas, imagens, tabelas e mapas.

- Posteriormente, será desenvolvido o estudo das fitofisionomias do Cerrado em que os estudantes pintarão e montarão um croqui do Cerrado no estado de Goiás. Mediante o uso de imagens, tirinhas e mapas serão estudados as transformações da paisagem e impactos ambientais, a partir de escalas regional e estadual. Sobre o estado de Goiás, serão correlacionados os mapas hipsométrico, clinográfico e de uso e ocupação do solo, buscando as conexões entre o relevo, a expansão da fronteira agrícola, a distância da área core do Brasil e a devastação das fitofisionomias. Nessa análise serão considerados os princípios de localização, distribuição, posição, extensão, distância, conexão, escala, comparação e causalidade. A partir da degradação ambiental, o Cerrado considerado enquanto um território apropriado pelo processo de expansão do capital, por meio da modernização territorial, evidenciará os conflitos com povos do Cerrado (Cerradeiros, Vazanteiros, Geraizeiros e Kalunga) pelas distintas relações com a biodiversidade. Assim, serão explorados mapeamentos das comunidades tradicionais, considerando os princípios de localização, conexão e comparação.

- Ao final da sistematização, sugere-se uma aula de campo, explorando as múltiplas dimensões do Cerrado, considerando o processo histórico de ocupação, as

fitofisionomias e fauna, as comunidades tradicionais e suas práticas que revelam a cultura ecológica. Uma opção de local para essa aula campo, é o Memorial do Cerrado, localizado em Goiânia/GO. Nesse espaço poderá ser percorrida a trilha na cidade cenográfica, na fazenda, no quilombo, aldeia indígena e na vegetação de Cerrado da área.

C) Síntese (2 aulas):

- Na atividade de síntese, a turma será organizada em grupos para a produção de maquetes, enfatizando os processos de Apropriação do Cerrado, como a expansão agropecuária, as transformações espaciais, a degradação ambiental e os conflitos com as comunidades tradicionais. Ao final, cada grupo irá explicar sua maquete em relação ao tema central Apropriação do Cerrado.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Com isso, observa-se a potencialidade de planejar o ensino, fundamentado teoricamente e metodologicamente, a fim de promover a interação dos estudantes com o conhecimento geográfico, mas também, levá-los a se apropriarem das ferramentas teórico-conceituais que permita analisar o Cerrado mediante a sua espacialidade.

CONSIDERAÇÕES

O presente texto almejou trazer uma proposta de leitura geográfica do Cerrado. Costuma-se dizer que a Geografia é uma forma de ler o mundo, logo esse texto à luz da utilização de uma situação geográfica buscou apresentar a proposta de um percurso de mediação didática para a leitura de um ambiente: o Cerrado. Assim, defende-se que tal análise geográfica deve estar articulada ao processo didático-pedagógico.

O primeiro deles se sustenta na historicidade e nos aponta que a Apropriação do Cerrado, como um contexto regional, ocorreu motivada por diversos agentes ao longo do tempo, que foram capazes de promover transformações para suprir demandas de ordem mercadológica capitalista. Sendo atuações sistematicamente implementadas em detrimento da sobrevivência do Cerrado como ambiente, em uma leitura integral.

O segundo princípio envolve assumir a importância de se analisar em profundidade os impactos ambientais e sociais resultantes, imprimindo assim, uma postura crítica e atenta para as marcas impostas por essas transformações. Essa análise recruta os conhecimentos geográficos, recebendo as contribuições

possíveis, tanto dos aspectos sociais como dos aspectos físico-naturais, em uma totalidade.

Um terceiro aspecto ao qual essa leitura se sustenta se centra no Cerrado sob o ponto de vista de um território em disputa. Olhar para o Cerrado enquanto território envolve olhar para os agentes enquanto sujeitos dotados de desejos e poderes que se desenham em conflitos diante de seus objetivos e contextos.

Ao apontar tais fundamentos e que foram traduzidos nas propostas no percurso didático, faz-se a defesa de ensino de Cerrado consciente, crítico e articulado aos saberes geográficos na defesa de um ensino de Geografia para uma atuação criativa e corajosa, na intenção de fornecer ao processo didático-pedagógico, ferramentas eficazes para a formação cidadã com um olhar atento para as formas de apropriação do Cerrado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. de. A captura do Cerrado e a precarização dos territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: Almeida, Maria Geralda de (Org.). **Tantos Cerrados**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 321-347.
- ALVES, E. “**Cerrado Em Quadrinhos**”: Experiências e contribuições para o Ensino de Geografia. 2014. 197 f. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/e0ab7b31-eba4-4688-9ab0-0d7c80152212>. Acesso em: 30 de jan. de 2025.
- DICIO: **Dicionário Online de Português**. 7GRAUS, © 2009 - 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/apropriacao/>. Acesso em: 20 de jan. de 2024.
- CASTILHO, D; CHAVEIRO, E. F. Por uma análise territorial do Cerrado. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Editora Vieira, 2010. p. 35-50.
- CAVALCANTI, L. de S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: Alfa & Comunicação, 2019.
- IBASE: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. **A ocupação dos cerrados: uma análise crítica**. Rio de Janeiro: jul. 1986.
- JESUS, E. O. de. Apropriação do Cerrado: análise do currículo e práticas educativas na Rede Estadual de Educação de Goiás. **CaderNAU- Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas**, v.9, n. 1, p. 85 -98, 2016. Disponível em: <http://observatoriodageografia.uepg.br/s/ogb/item/75731>. Acesso em: 20 de jan. de 2024.
- MENDES, S. de O.; OLIVEIRA, I. J. de; MORAIS, E. M. B. Abordagens do Cerrado em livros didáticos de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em**

Geografia, 6(12), 2016, 179–208. Disponível em:

<https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/362>. Acesso em: 20 de jan. de 2024.

MORAIS, E. M. B. Vygotsky e a construção de sistemas conceituais: contribuições para a Geografia escolar. In: CAVALCANTI, L. de S.; PIRES, M. M. (orgs.). *Geografia escolar: diálogos com Vigotski*. Goiânia, Ed. Alfa & Comunicação, 2021. p. 75-91.

OLIVEIRA, I. J. Chapadões descerrados: relações entre vegetação, relevo e uso das terras em Goiás. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 34, n. 2, p. 311-336, 2014. DOI: 10.5216/bgg.v34i2.31734. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/31734>. Acesso em: 28 mai. 2025.

SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, n. 6, p. 21-28, Jan-Jun, 1999. Disponível em:

<https://doceru.com/doc/nscc5nn>. Acesso em: 25 de mar. de 2025.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**.

Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, n. 93, jul. de 2001.

Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/313>.

Acesso em: 28 de fev. de 2025.

SUERTEGARAY, D. M. A. Naturezas: epistemes inscritas nos conflitos. **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 41, p. 19–30, 2016. DOI: 10.62516/terra_livre.2013.568.

Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/568>. Acesso em: 11 set. 2024.

YOUNG, M. F. D. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, set.-dez. 2011. Disponível em:

<https://share.google/1LUjtnJQwsfKXpi68>. Acesso em: 11 mar. 2025.